

Educação não formal e expressiva: um relato de experiência na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de São Mateus/ES

Poliana Duarte de Sousa¹

Ailton Pereira Morila²

Resumo: Este relato apresenta as vivências durante o Estágio Supervisionado em Contextos Não Escolares, realizado na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de São Mateus/ES no ano de 2025. O estágio permitiu acompanhar a dinâmica da instituição e desenvolver o projeto “**Ateliê do Silêncio**”, voltado a crianças não verbais com deficiência, utilizando a arte como forma de comunicação e expressão. Como aporte teórico, foram utilizadas contribuições de Gohn (2010) acerca da educação não formal, Freire (1996) quanto ao caráter dialógico e emancipador da aprendizagem, a teoria histórico-cultural de Vygotsky (1998) e a perspectiva de Nise da Silveira (1981; 1992) cuja abordagem reconhece a produção artística como manifestação simbólica do inconsciente. As atividades envolveram oficinas de pintura, mandalas, máscaras e impressão, além de momentos espontâneos de brincar com blocos de montar. A experiência demonstrou a potência da educação não formal na inclusão social, favorecendo a subjetividade, a autonomia e a interação das crianças.

Palavras-chaves: Educação não formal; Arte e inclusão; Estágio Supervisionado; Educação Especial.

Introdução

A realização do estágio supervisionado em educação em contextos não escolares constitui um momento essencial na formação do pedagogo, pois possibilita a inserção em espaços educativos que transcendem os limites da escola tradicional e ampliam a compreensão acerca do papel social da educação. Nesse sentido, a experiência desenvolvida na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de São Mateus/ES, representou uma oportunidade singular de vivência e aprendizado. Fundada em 1984, a instituição se dedica ao atendimento de pessoas com deficiência em diferentes níveis e modalidades, oferecendo serviços nas áreas de saúde, assistência social e educação especial. Seu trabalho é pautado pelo compromisso com a inclusão social e pelo fortalecimento da autonomia e da

¹ Graduanda em Pedagogia, Universidade Federal do Espírito Santo – UFES | Email: [poliana.sousa@edu.ufes.br]

² Doutor e Mestre em Educação. Graduado em História. Graduado em Engenharia Mecânica. Área de atuação UFES-CEUNES: Fundamentos sócio-histórico-filosóficos da Educação. | Email: [ailton.morila@ufes.br]

dignidade dos sujeitos atendidos, assegurando também suporte às famílias por meio de orientações, transporte e acompanhamento multiprofissional.

O público atendido pela APAE de São Mateus é diversificado, abrangendo desde crianças até adultos com múltiplas deficiências, que recebem acompanhamento pedagógico, psicológico, fonoaudiológico, fisioterapêutico e social. No âmbito da educação, a instituição dispõe de salas de recursos multifuncionais, oficinas pedagógicas, artísticas e de estimulação, proporcionando um espaço de convivência inclusivo e acolhedor. Durante o estágio, o grupo acompanhado foi composto por cinco crianças com diferentes condições: duas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (níveis 2 e 3), uma com síndrome de Down, uma com múltiplas deficiências e outra com síndrome de Tourette associada à deficiência intelectual. Todas frequentavam regularmente a instituição e participavam de atividades mediadas pela educadora responsável pela sala de recursos.

A partir da observação do cotidiano desse grupo, emergiu o projeto Ateliê do Silêncio, idealizado com a finalidade de proporcionar às crianças não verbais um espaço de expressão e comunicação por meio da arte. A proposta buscou valorizar gestos, cores, texturas e formas como manifestações simbólicas autênticas, reconhecendo que a ausência da fala não significa ausência de linguagem, mas sim a presença de outras formas de comunicação que precisam ser respeitadas e estimuladas. Essa vivência revelou-se um campo fértil para compreender a potência da educação não formal como prática humanizadora e inclusiva, reafirmando o compromisso da pedagogia com a construção de experiências educativas que considerem a singularidade de cada sujeito.

Pressupostos teóricos

A fundamentação teórica que orientou o desenvolvimento do estágio e do projeto Ateliê do Silêncio se apoia em diferentes concepções que dialogam entre si ao reconhecer a centralidade do sujeito em processos educativos que extrapolam a escola formal. A perspectiva da educação não formal, conforme Gohn (2010), é um ponto de partida fundamental. Para a autora, esse tipo de educação se constitui em espaços coletivos de convivência, como associações, projetos sociais e movimentos comunitários, nos quais a aprendizagem não ocorre de maneira espontânea, mas a

partir de intencionalidades formativas que buscam promover cidadania, inclusão social e fortalecimento da autoestima. Nesse sentido, a experiência na APAE se enquadra como prática de educação não formal, uma vez que, ao oferecer oficinas artísticas para crianças com deficiência, cria um espaço de socialização e expressão que contribui para a construção de valores humanos e de pertencimento social.

Paulo Freire (1996) complementa essa visão ao destacar que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para que ele seja produzido no diálogo e na interação. O autor ressalta a importância da conscientização e da autonomia, entendendo a aprendizagem como processo dialógico em que cada sujeito tem sua voz reconhecida, ainda que essa voz não se expresse pela oralidade. No contexto do Ateliê do Silêncio, essa concepção ganha força, pois a ausência da fala não foi compreendida como ausência de linguagem, mas como oportunidade de acolher e legitimar outras formas de comunicação simbólica, como o gesto, a cor, a textura e a marca deixada em uma produção artística.

A teoria histórico-cultural de Vygotsky (1998) também se mostra essencial para compreender a experiência, ao considerar que o desenvolvimento humano ocorre nas interações sociais e que a mediação cultural é determinante para a formação do pensamento. As oficinas realizadas no projeto possibilitaram que as crianças interagissem com materiais, colegas e educadores, favorecendo a criação de significados que extrapolam o ato de pintar ou desenhar, constituindo-se como experiências formativas e comunicativas.

Nesse campo de reflexão, a contribuição de Nise da Silveira (1981; 1992) é central, pois sua prática com a utilização da arte em contextos psiquiátricos demonstrou que toda produção simbólica é uma forma legítima de expressão da subjetividade. Para a autora, o gesto criador torna visível aspectos internos da vida emocional, e a arte deve ser compreendida não como produto a ser avaliado ou corrigido, mas como linguagem que revela sentidos profundos. Essa perspectiva sustentou a proposta do Ateliê do Silêncio, em que cada traço, cor ou forma escolhida pelas crianças foi reconhecida como manifestação autêntica de sua interioridade.

Rotina

A rotina do estágio iniciou com a apresentação à educadora responsável pela sala de recursos, que prontamente se mostrou receptiva e aberta ao acompanhamento das atividades. No primeiro dia de observação, estavam presentes apenas duas crianças. Inicialmente, elas se mostraram desconfiadas com a minha presença, evitando aproximação e mantendo certa distância. No entanto, após cerca de uma hora de convivência, passaram a interagir de forma mais espontânea, aproximando-se gradualmente, o que revelou a importância do tempo e da construção de vínculos afetivos para a inserção do estagiário no espaço.

As crianças chegam à instituição por volta das 7h da manhã(figura 1) e, ao chegarem, seguem para o refeitório, onde é servido o café da manhã. Após esse momento, dirigem-se à sala de recursos, onde ocorre a chamada, realizada pela educadora de forma online, sendo necessário registrar a presença com a foto de cada criança. Em seguida, a professora define qual atividade será proposta no dia, mas sem estabelecer rigidez, respeitando os tempos e as condições de cada criança. Caso alguma delas não se mostre disposta a participar, não há insistência, permitindo que o processo aconteça de acordo com o ritmo de cada sujeito. Essa postura revela uma prática inclusiva, que não busca impor tarefas, mas criar oportunidades de expressão.

Figura 1: Tomando café.



Fonte: Acervo do autor(2025).

Na primeira semana de estágio, as crianças frequentavam a sala às terças e quintas-feiras. Posteriormente, a frequência foi ampliada também para as segundas-feiras, o que possibilitou um maior acompanhamento e envolvimento no cotidiano do grupo. Durante esse período, observou-se que algumas crianças eventualmente se ausentavam da sala para atendimentos especializados oferecidos pela própria APAE, como consultas de fonoaudiologia ou neurologia, sempre acompanhadas por seus responsáveis que aguardavam na instituição. Todas as crianças utilizavam o transporte escolar da APAE, assegurando o acesso regular às atividades.

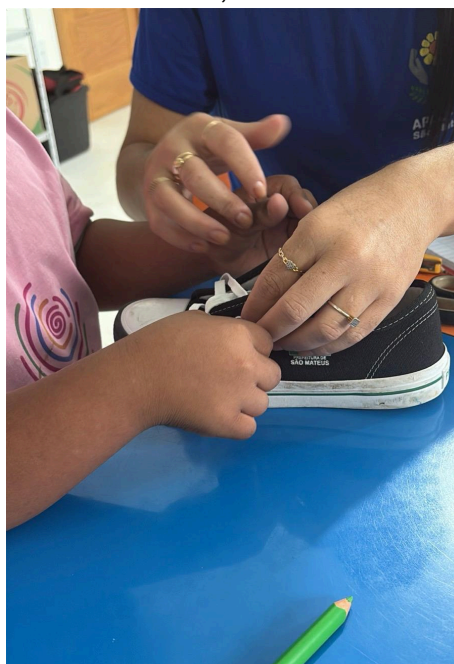
A convivência entre elas apresentava particularidades importantes. Algumas crianças conseguiam estabelecer interações entre si, ainda que de maneira restrita, enquanto outras tinham maior dificuldade devido a comportamentos como gritos, correr pela sala ou até mesmo bater nos colegas. O grupo era composto por cinco crianças com diferentes deficiências. O mais velho, apesar de verbal, demonstrava dificuldades em interagir de forma funcional, frequentemente se envolvendo em conflitos com os colegas. Outro, diagnosticado com autismo de nível 2, apresentava estereotípias vocais constantes e repetia tudo o que ouvia, muitas vezes imitando a voz de personagens como o Bob Esponja. Uma terceira criança só permanecia sentada quando a educadora estava por perto; bastava ela se levantar para que a criança também se levantasse, evidenciando uma forte dependência da presença da professora. Além desses, havia outras duas crianças que, apesar de não se envolverem em interações agressivas, apresentavam limitações importantes em termos de cognição e autonomia.

No aspecto do desenvolvimento cognitivo, foi possível notar que a maioria das crianças apresentava dificuldades para diferenciar cores, letras e números, reconhecendo apenas elementos simples do cotidiano, como alguns animais ou objetos de uso diário. Apenas uma delas estava em processo de alfabetização, mas mesmo essa apresentava muitas dificuldades. Dessa forma, a sala acompanhada evidenciava a complexidade do trabalho em educação especial, em que cada criança traz demandas muito singulares e exige estratégias diferenciadas.

As atividades na sala não seguiam uma rotina previamente estruturada, mas aconteciam de maneira mais flexível, de acordo com as condições do grupo em

cada dia. Essa característica é coerente com a concepção de educação não formal, pois não se trata de reproduzir o modelo escolar tradicional, mas de criar experiências significativas, respeitando os limites e as potencialidades de cada participante. Durante os encontros, as propostas variaram entre atividades artísticas, momentos de socialização, atendimentos individuais, autonomia do dia-dia(como amarrar um cadarço) Figura 2.

Figura 2: Atividade, amarrando cadarço.



Fonte: Acervo do autor(2025).

Atuação pedagógica em projetos de educação em contextos não escolares

A atuação pedagógica em contextos não escolares se revela como um espaço rico de aprendizagem e inclusão, sobretudo quando direcionada a crianças com deficiência. O projeto “Ateliê do Silêncio”, realizado na APAE de São Mateus, foi desenvolvido com crianças não verbais e com diferentes deficiências, tendo como propósito central a valorização da arte como forma legítima de expressão e comunicação. Como defendia Nise da Silveira (1981, p. 53), “todo gesto criador é uma tentativa de tornar visível aquilo que se encontra em estado latente, no interior do ser”. Nesse sentido, o projeto buscou criar condições para que a ausência da fala não fosse interpretada como ausência de linguagem, mas sim como presença de outras formas simbólicas.

O objetivo geral do projeto foi oferecer um espaço de arte livre e acolhedor, onde cada criança pudesse se expressar por meio de cores, formas, gestos e materiais diversos, utilizando a criação artística como um canal de comunicação emocional. Entre os objetivos específicos, destacaram-se: proporcionar oficinas diversificadas, valorizar a produção criativa das crianças como manifestação de sentimentos, estimular a autonomia e a autoestima, além de promover a escuta sensível e o respeito ao ritmo de cada participante.

As atividades aconteceram ao longo de cinco encontros, cada um com três horas de duração, totalizando quinze horas de vivências. No primeiro encontro, denominado “Vozes das Cores”, as crianças receberam telas individuais e foram convidadas a experimentar diferentes formas de pintura com pincéis, esponjas, rolos, brinquedos com textura e até as próprias mãos. Cada criança se apropriou da proposta de modo singular: uma delas pintou espontaneamente e, a cada intervenção, pedia que todos aplaudissem, evidenciando a necessidade de reconhecimento. Outra se concentrou em desenhar uma flor, símbolo recorrente em suas produções, enquanto um terceiro aluno restringiu sua participação ao uso da cor amarela, recusando outras tonalidades (Figuras 3 e 4). Tais escolhas revelam, como aponta Silveira (1992, p. 45), que “a ausência da fala não significa ausência de pensamento, mas a presença de outras formas de expressão que precisam ser reconhecidas”.

Figuras 3 e 4: Crianças pintando tela.



Fonte: Acervo do autor (2025).

No segundo encontro, planejado como “O traço que sente”, a proposta era trabalhar desenho livre em papéis de diferentes texturas, utilizando carvão e giz pastel. Contudo, as crianças demonstraram pouca adesão à atividade e preferiram brincar com blocos de montar e peças de lego (figura 5). Essa escolha espontânea foi respeitada, pois, segundo Gohn (2010), a educação não formal deve valorizar a participação ativa dos sujeitos e a flexibilidade diante das situações concretas. Assim, a brincadeira também foi compreendida como forma de expressão criativa, de construção simbólica e de interação social.

Figura 5: Crianças brincando com lego.



Fonte: Acervo do autor (2025).

O terceiro encontro, intitulado “Círculo do mundo interior”, envolveu a confecção de mandalas com elementos naturais, como sementes, flores, folhas e pedras. Cada criança se relacionou com os materiais de maneira única: alguns organizaram os elementos de forma concentrada e cuidadosa; outros espalharam livremente, criando composições abertas (figuras 6,7 e 8). Um dos alunos, em tom bem-humorado, chamou os materiais de “lixo” e dizia, imitando um personagem de desenho animado: “Eu vou colar esses lixos”. Essa fala mostrou não apenas sua criatividade, mas também o modo como as crianças ressignificam o mundo ao seu redor, transformando o simples em simbólico. Para Nise da Silveira (1992), essas formas circulares e produções espontâneas revelam movimentos psíquicos de reorganização e equilíbrio, sendo, portanto, manifestações legítimas da vida interior.

Figuras 6,7 e 8: Confeção de mandalas.



Fonte: Acervo do autor (2025).

No quarto encontro, denominado “Memórias impressas”, foram realizadas impressões de folhas, barbantes e tecidos em camisas brancas. As crianças se envolveram intensamente, explorando cores e texturas. Uma delas repetiu o desenho da flor que já havia feito na tela, mas agora em formato de coração, revelando a continuidade e transformação de seus símbolos pessoais. Outra criança preferiu escrever o próprio nome na camisa, demonstrando sua forma particular de se comunicar.(Figuras 9,10,11 e 12)

Figuras 9, 10, 11 e 12: Pintando nas camisas.



Fonte: Acervo do autor (2025).

Como afirma Silveira (1992), produções expressivas não devem ser vistas como sintomas, mas como manifestações autênticas de subjetividade.

Por fim, no quinto encontro, “Rostos de dentro”, as crianças confeccionaram máscaras com papel, tecido, tintas e fios (Figura 13). Utilizando a câmera do celular como espelho, puderam se observar com as máscaras. Algumas se divertiram e riram ao se verem caracterizadas, enquanto outras preferiram não se olhar, mostrando que a relação com a própria imagem é singular e subjetiva.

Figura 13: Confeccionando máscara.



Fonte: Acervo do autor(2025).

Ao final, foi organizada uma pequena exposição com todas as produções realizadas (figuras 14 e 15), momento que permitiu valorizar o esforço individual e coletivo, dando visibilidade às expressões das crianças. Como ressalta Gohn (2010, p. 58), “o sucesso de um projeto social está diretamente ligado à capacidade de

promover a participação ativa dos indivíduos e sua inclusão nos processos sociais mais amplos”.

Figuras 14 e 15: Exposição.



Fonte: Acervo do autor (2025).

Assim, a atuação pedagógica nesse contexto não escolar possibilitou não apenas a expressão artística, mas também a construção de vínculos afetivos, a valorização das diferenças e a criação de um espaço de escuta e acolhimento. A experiência mostrou que a arte, compreendida como expressão simbólica e subjetiva, pode ser um potente instrumento de comunicação e inclusão, revelando que cada gesto, cor ou forma escolhida pelas crianças é carregado de sentido e merece ser reconhecido.

Considerações Finais

O projeto “Ateliê do Silêncio” evidenciou como a educação não formal pode se articular com a educação especial, criando oportunidades de inclusão e de expressão simbólica. A flexibilidade das atividades possibilitou que as crianças participassem de forma livre, de acordo com seus interesses e ritmos, demonstrando que, mesmo diante de limitações, sempre há caminhos para a comunicação e a aprendizagem.

As oficinas mais apreciadas foram as de pintura em tela e em camisas, nas quais as crianças mostraram entusiasmo e criatividade, explorando cores, formas e símbolos próprios. A experiência também revelou a importância de respeitar as escolhas do grupo, como ocorreu quando preferiram brincar com blocos em vez de desenhar, o que igualmente favoreceu a socialização, a imaginação e a construção coletiva.

O estágio mostrou que o pedagogo em espaços não escolares é essencial para articular propostas educativas, promover a inclusão e dar voz a quem muitas vezes

não é ouvido. Mais do que ensinar, o pedagogo escuta, acolhe e abre caminhos para que cada sujeito se reconheça em suas próprias capacidades. Assim, compreende que a atuação pedagógica não se limita à escola: ela acontece em qualquer espaço que valorize a expressão, a convivência e o respeito às diferenças.

Essa vivência reforçou a ideia de que podemos e devemos trabalhar mais com crianças com deficiência, mesmo quando existem limitações aparentes. A cada encontro, elas mostraram sua capacidade de se expressar, de interagir e de participar ativamente do processo.

Dessa forma, compreende-se que a atuação pedagógica em contextos não escolares é indispensável, pois favorece o reconhecimento das potencialidades de cada indivíduo, promove vínculos de convivência e reafirma a educação como prática de escuta, acolhimento e respeito às diferenças.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social**: atuação em projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do inconsciente**. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

SILVEIRA, Nise da. **O mundo das imagens**. São Paulo: Ática, 1992.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.